



ANO 44 - JANEIRO A MARÇO 2006 - Nº 172

AS PROMESSAS DE DEUS AOS QUE SÃO HUMILDES

Humildade é a característica de quem tem ou manifesta a virtude de conhecer as suas próprias fraquezas e limitações. É o oposto à soberba, altivez, sobranceira, orgulho, arrogância e presunção. Quem é humilde manifesta sentimento de fraqueza, de modéstia, expressa deferência ou submissão, é despretensioso, simples e sóbrio.

Sem dúvida é uma virtude muito desprezada pelo mundo, que a julga inadequada para quem quer vencer a corrida para adquirir poder, fortuna e fama, que são os alvos preferidos pelos ambiciosos. No entanto, foi com a ambição que o diabo tentou nossos primeiros antepassados: "sereis como Deus, sabendo o bem e o mal", e sucumbiram ao pecado da desobediência a Deus.

A história da humanidade, vista pela ótica divina revelada na Bíblia, tem sido uma perpetuação desta corrida egoísta e ímpia, gerando os piores impulsos e sentimentos para com os outros

e a repulsa ao Deus Criador, que tem sido substituído por deuses ao gosto do ser humano.

Felizmente nem todos são assim: tem havido sempre alguns que se humilham diante de Deus, buscam conhecê-IO e, submissos, fazer a Sua vontade. É para eles que Deus faz as seguintes promessas:

Deus lhes dá atenção:

Deus, o Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, é excelso, sublime, eminente, elevado, admirável e excelente. Por que daria Ele atenção a algumas das suas criaturas tão insignificantes aqui neste planeta, parte de uma humanidade rebelde e ingrata?

É difícil entender o seu amor e a sua longanimidade; mas o Espírito Santo auxilia a nossa compreensão com as palavras do apóstolo Paulo: foi "*para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus.*" (Efésios 2:7).

Deus, o Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, é excelso, elevado, admirável e excelente.

O plano de Deus, antes da criação do mundo e tudo que nele há, foi demonstrar Seus atributos divinos, e este plano foi finalmente revelado em Cristo, o Seu Filho unigênito. É o que Paulo chama de *"mistério oculto em Deus, que tudo criou, desde os séculos"* (Efésios 3:9).

O ímpio, o que rejeita a Deus, segue o seu caminho para a perdição eterna, mas Deus ouve e dá atenção ao que se humilha diante dele e O busca, pois *"Ainda que o SENHOR é excelso, atenta para o humilde; mas ao soberbo, conhece-o de longe."* (Salmo 138:6), e *"A minha mão fez todas estas coisas, e todas estas coisas foram feitas, diz o SENHOR; mas eis para quem olharei: para o pobre e abatido de espírito e que treme diante da minha palavra."* (Isaías 66:2).

Deus os eleva:

Os que são humildes são desprezados aqui no mundo, e também sentem o peso do seu pecado diante da santidade de Deus. Já os ímpios, confiados em si próprios e sem o temor de Deus, prosseguem na corrida da sua ambição para angariar posições mais altas para si.

Em Sua compaixão, *"O SENHOR eleva os humildes e abate os ímpios até à terra."* (Salmo 147:6). Isso Ele pode fazer ainda agora, mas é certo que o fará no porvir, quando os humildes subirão até a Sua presença e os ímpios descerão às profundezas do inferno para aguardar o seu julgamento e condenação final.

Deus lhes dá graça:

É pela graça que Deus dá a salvação aos que são humildes: *"Deus resiste aos soberbos, dá, porém, gra-*

ça aos humildes." (Tiago 4:6, 1ª Pedro 5:5, Provérbios 3:34). Os soberbos pensam que podem conseguir tudo por seus esforços e méritos, e julgam que têm o direito à salvação da pena dos seus pecados. É comum ouvir pessoas dizerem que o bem que fazem compensa o mal que praticaram, logo não precisam de se submeter a um Salvador.

Que erro fatal! Deus resiste aos soberbos que confiam em si próprios, e eles serão condenados pelo seu pecado. Mas é pela graça do Seu Filho que vem a salvação - e a Sua graça é tão abundante que cobre todo e qualquer pecado daquele que, humilhando-se, confessa e se arrepende do seu pecado e O recebe como seu Senhor e Salvador.

Deus lhes dá a salvação, e o Seu reino:

Uma das características dos que são humildes é a mansidão. Tendo sido salvos pela graça, a salvação será um adorno para eles, como uma vestidura: *"O SENHOR se agrada do seu povo; ele adornará os mansos com a salvação."* (Salmo 149:4). Também são pobres de espírito, pois manifestam sentimento de fraqueza, de modéstia, e expressam deferência e submissão a Deus.

Eles reconhecem o seu estado de pecador diante de Deus, aceitam o sacrifício feito por Ele quando deu o Seu Filho para morrer na cruz do Calvário em seu lugar, arrependem-se do seu pecado e morrem para si para viver em novidade de vida, obedientes a Deus. O Senhor Jesus disse: *"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus"* (Mateus 5:3).

Paulo assim se expressou: "... *recomendáveis em tudo: ... como contristados, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo e possuindo tudo*" (2ª Coríntios 6:10). "Tudo" são as riquezas espirituais ao alcance de todos os que pertencem a Cristo. O Reino dos céus pertence a essas pessoas apenas.

Deus lhes dará honra:

Em cumprimento do provérbio "A soberba do homem o abaterá, mas o humilde de espírito obterá honra." (Provérbios 29:23), os humildes de espírito não só ganham a salvação pela graça, e o reino dos céus, mas também a suprema honra de serem adotados como filhos de Deus: "a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome" (João 1:12). Não há maior honra

possível para o ser humano. Como é maravilhoso o nosso Deus.

Deus os estimula a continuar humildes:

Elevados a uma posição tão alta, haverá a tentação de deixar a virtude de ser humilde em seu relacionamento entre si. Para frear essa tentação, o Senhor Jesus declarou que "*qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.*" (Lucas 14:11). É salutar guardar esta advertência em nossa memória, para que saibamos nos conduzir sempre bem, junto com nossos irmãos na fé. Nas palavras de Paulo "*Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo.*" (Filipenses 2:3).

Uma das características dos que são humildes é a mansidão.

R David Jones

SALMOS MESSIÂNICOS

Salmo 68 - O Salmo da Ascensão

Os salmos 42 a 72 fazem parte da segunda seção do saltério, a qual tem um paralelo com o Livro de Êxodo, o segundo da Bíblia.

Seu tema é Redenção e abrange três grandes salmos messiânicos: Salmo 45, que nos introduz diante do Rei-Esposo; Salmo 68, que nos apresenta o Homem Elevado; e o Salmo 69, que nos apresenta a oferta pela transgressão.

Apresentamos um esboço desta seção em três divisões principais: Libertação do Egito, o Pacto do Sinai e o Santuário no deserto. As três divisões apresentam um sumário do salmo 68,

indo além e antecipando o estabelecimento do reino. É um resumo de história e profecia. Todas as riquezas dos nomes divinos transbordam neste salmo. Às vezes, está cheio de dificuldades, tanto para o intérprete como para o expositor.

Historicamente, J.G.Bellett¹ insere este salmo no contexto de 1º Cr. 15, quando Davi transportava a arca da casa de Obede-Edom para Jerusalém. Os salmos 24 e 132 correspondem ao mesmo período.

O salmo 68 tem sua raiz no Antigo Testamento e seus frutos doutrinários no Novo Testamento. A referên-

cia ao Messias no v. 18 é o tema central. O antecedente parece que se refere a quatro grandes marchas vitoriosas, sendo três históricas e uma profética.

Este salmo pode ser dividido em cinco partes:

Vs. 1 a 6 – Introdução; 7 a 8: Marcha do Egito ao Sinai. Vitória sobre os egípcios; 9 a 19: Vitória sobre os cananeus através de Débora e Baraque; 20 a 28: O transporte da arca para Jerusalém; 29 a 35: Vitória final com o estabelecimento do reino.

Introdução

O salmo inicia com a citação quase exata das palavras de Moisés, quando o povo de Israel empreendia sua jornada pelo deserto. “Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos” (Nm 10:35). Este versículo era o lema de Cromwell² e seus soldados ao sair às batalhas.

O nome de Deus (Elohim) ocorre seis vezes na introdução e vinte e seis vezes no salmo; o título Majestade (Jah) ocorre no v. 4. Duas conseqüências da guerra: as viúvas e os órfãos, mas o “Deus de Israel tem cuidado deles”.

Marcha do Egito para o Sinai: (7, 8)

A presença de Deus é mencionada duas vezes, ambas na marcha através do Deserto e no Monte Sinai. Após a libertação do Egito e a vitória sobre Faraó e suas hostes, Deus trouxe seu povo ao Sinai, onde sua glória foi revelada, firmando um pacto com Israel. Este é o nascimento da nação e um dos eventos mais importantes da sua história.

Vitória sobre os cananeus:

(9 a 19 e Juízes 4 e 5)

Há muitas palavras e expressões difíceis nesta passagem, como afirmam vários homens capacitados. Entretanto,

o dogmatismo está fora de cogitação, pois parece haver um número direto de referências à vitória sobre Sísera, o cananeu descrita em Juízes caps. 4 e 5 e algumas expressões de Débora em seu cântico no cap. 4.

A tormenta: Quando Sísera invadiu a terra com novecentos carros de ferro, o povo estava totalmente sem preparo para enfrentá-los e levantar colunas. Nos dias de Sangar e Jael não havia escudos nem espadas entre os milhares de Israel (Juízes 5:6-8). Mas Deus interveio e a chuva caiu. O ribeiro Quisom transbordou em suas margens e os carros de ferro se atolaram no lodo e foram abandonados. O exército cananeu fugiu a pé e foi derrotado por Baraque e seus homens (Juízes 5:15-21).

É uma grande verdade o fato de que Deus nem sempre é favorável aos grandes batalhões. Napoleão³ aprendeu esta lição quando invadiu a Rússia. A neve do inverno desceu e a flor da França foi dispersa e destruída nos inóspitos campos congelados na retirada de Moscou. Hitler recusou aprender a lição da história e sofreu igual derrota. Um exemplo mais recente é a guerra dos sete dias em Israel em 1967.

As mulheres levam mensagens: (Salmo 68:11). Os homens combatem e as mulheres são encarregadas da comunicação.

A retirada, a fuga desordenada e os despojos (Salmo 68:17). Em troca do enfadonho trabalho pastoril, a vestimenta dourada como resultado da vitória.

Os carros de Deus são vinte mil, milhares de milhares (v. 17). Sísera tinha novecentos carros de ferro, mas Deus é invencível, seu exército era invisível, assim como os milhares de

anjos. Jael tomou uma estaca da tenda e a cravou na cabeça de Sísera e a vitória foi completa, com Baraque levando os cativos (Juízes 5:12). Aqui a situação mudou: os cananeus que escravizaram e oprimiram a terra por vinte anos, agora são prisioneiros de guerra.

O transporte da arca para Jerusalém (20 a 28)

Tão logo Davi conquistou o território ocupado pelos jebuseus, tomou a cidade de Jerusalém e construiu sua casa. Daí, despertou seu desejo de providenciar um lugar para a arca de Deus, que foi capturada pelos filisteus no tempo em que Eli era o sacerdote (1º Sm 4:11). Deus exerceu seu juízo sobre os filisteus e estes devolveram a arca a Quiriate-Jearim, onde permaneceu por muitos anos. Davi ouvira sobre ela quando era bem novo em Belém, e resolveu que, quando chegasse a oportunidade, ele proveria um templo para a arca no meio da terra (Salmo 132:1 a 9).

Agora, seu desejo estava se cumprindo e o Salmo 68:20 a 28 descreve o canto e o clímax

quando a caravana e a arca, levada pelos sacerdotes descendentes de Coate, sobem a colina e depositam a arca na tenda que Davi havia levantado para a mesma em Jerusalém (2º Sm 6 e 1º Cr 15 e 16).

Uma das grandes realizações de Davi durante o seu reinado foi unir as doze tribos de Israel. As duas tribos do Sul, Benjamim e Judá, estão ligadas com as tribos do norte, Zebulom e Naftali, com um propósito em comum, qual seja, de entronizar Deus no santuário como centro de reunião do seu povo na terra.

**Os homens combatem
e as mulheres são
encarregadas da
comunicação.**

Lamentavelmente esta união não foi algo duradouro. No tempo de Jeroboão ocorreu a divisão, que somente será reparada quando o Filho de Davi, o Príncipe da Paz, retornar (Ezequiel 37:15-18).

Vitória final com o estabelecimento do reino (29 a 35)

As três vitórias históricas neste salmo apontam em direção ao futuro, para uma vitória maior, o Armagedom, com o estabelecimento do reino, tendo como centro a cidade de Jerusalém (v. 29). “Dispersa os povos que se comprazem na guerra” (v. 30 – final). “Ele julgará entre os povos, e corrigirá muitas nações; estes converterão as suas espadas em relhas de arados, as suas lanças em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra (Isaías 2:4). “Príncipes vêm do Egito; a Etiópia corre a estender mãos cheias para Deus” (Salmo 68:31). Países que hoje

conspiram contra Israel e procuram destruí-lo, aprenderão sua lição e naquele dia trarão tributo ao Soberano e Justo Governante em Jerusalém. Queira o Senhor

apressar este dia!

¹ J.G.Ballett(1795-1864) nasceu em Dublin na Irlanda. Foi grandemente apreciado como ministrante da Palavra de Deus e autor de livros como “Os Patriarcas”, “Os Evangelistas” e seu livro mais conhecido “A Glória Moral do Senhor Jesus”.

² Thomas Cromwell (25/4/1599 – 3/9/1658) Comandante da Inglaterra.

³ Napoleão Bonaparte - Imperador Francês.

T. E. Wilson
Tradução: Orlando Arraz Maz
A continuar

A PÁSCOA DOS JUDEUS

Como é que aconteceu? Como é que a Páscoa do Senhor (Êx 12:11) tornou-se a Páscoa dos judeus? A Páscoa foi uma das sete festas descritas em Lv 23. Foram chamadas as festas de Jeová e eram caracterizadas como sendo "ao Senhor". As sete festas foram a festa da Páscoa, de pães asmos, das primícias, de Pentecostes, das trombetas, o dia da expiação e dos tabernáculos. John Heading escreve:

"As quatro primeiras eram festas da primavera, enquanto as últimas três eram festas do outono. Eram ordenações divinas, quando os homens tinham de encontrar a Deus no lugar que Ele escolheria. As sete festas dividiam-se em três grupos bem definidos:

Grupo 1: abrange as três primeiras, acontecendo dentro de uma semana;

Grupo 2: consiste somente de Pentecostes; acontecendo 50 dias depois da Páscoa;

Grupo 3: abrange as últimas três festas, ocorrendo no sétimo mês.

Eram proféticas em caráter, necessitando do Novo Testamento para revelarem os seus sentidos espirituais. As três primeiras falam do sacrifício e ressurreição de Cristo, com implicações morais para o povo do Senhor. A quarta festa fala de Pentecostes para a igreja e a época subsequente da igreja. As últimas três falam da restauração de Israel no futuro".

Mas chegando o tempo do ministério do nosso Senhor, as festas tinham se deteriorado e deixaram de ser "ao Senhor". Novamente perguntamos: como isso poderia acontecer? Como é que a nação à qual "primeiramente as palavras de Deus foram confiadas" (Rm 3:2) ou

"dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e as alianças, e a lei, e o culto; e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne..." (Rm 9:4-5) poderia extraviar-se tanto?

Ao ler a história de Israel, é evidente que havia um afastamento da obediência à Palavra de Deus. Eles começaram a comprometer-se com o mundo ao redor deles e queriam ser iguais a eles. A idolatria entrou na sua adoração e desprezaram os rogos dos mensageiros apontados por Deus. Mesmo o castigo dos julgamentos de Deus e o seu exílio para Babilônia não os curaram completamente do seu mundanismo. O Senhor foi excluído e a Páscoa do Senhor tornou-se a Páscoa dos judeus.

Mas uma situação ainda mais surpreendente é vista na igreja. Nós também celebramos uma festa. Paulo a chama "A Ceia do Senhor" (1ª Co 11:20). Mas ali Paulo adverte os crentes de que, de fato, não estavam celebrando a Ceia do Senhor como foi intencionada pelo Senhor. "Quando vos ajuntais num lugar, não é para comer a ceia do Senhor. Porque, comendo, cada um toma antecipadamente

a sua própria ceia, e assim um tem fome e outro embriaga-se" (1ª Co 11:20-21). A Ceia do Senhor tinha perdido a sua significância espiri-

tual. Tinha se deteriorado em algo que focalizava em si próprio — "a sua própria ceia" excluiu o Senhor. Tornou-se "a ceia dos coríntios" em vez de a "Ceia do Senhor".

Há um quadro triste em Ap 3 onde vemos a condição estarecedora na igreja de Laodicéia. Ali o Senhor está

Ao ler a história de Israel, é evidente que havia um afastamento da obediência à Palavra de Deus.

em pé do lado de fora, pedindo entrada e oferecendo comunhão a todos que estão prontos a recebê-lo. A igreja estava cega quanto ao seu baixo estado espiritual. Eles continuavam na sua riqueza e obras e fracassaram em ver que em todas as suas atividades tinham posto de lado o Senhor. Tinham sido abençoados, como Israel, ao receber a “palavra de Deus”. Mas até aquela luz espiritual foi negligenciada.

Qual é a nossa condição hoje? Somos igualmente culpados como Corinto e Laodicéia? Será que a vida da igreja ou a vida do Senhor é caracterizada por ser ocupada com interesses próprios e as suas bênçãos? Será que a nossa igreja tem algo para o Senhor? Ou é somente acerca de nós, e o nosso ministério, e os nossos programas, e a nossa visão? Será que nós, será que

eu, sabemos o que é “*com Ele cearei, e Ele comigo*”? (Ap 3:20).

Felizmente isso pode ser a verdade se quisermos que seja assim. Podemos saber o que é adorar e servir como sendo ao Senhor. Isso exigirá que nos tornemos como aqueles que sabem ler a Sua Palavra, obedecem-Lhe, gastam tempo em oração e esforçam-se para circular entre os perdidos e irmãos em Cristo como o Senhor faria. Ao entrar em comunhão com Ele, Ele deixará a marca do Seu próprio caráter em nós.

Entre os judeus havia um remanescente que fielmente seguia o Senhor. Mesmo no dia do nosso Senhor havia alguns. Que possamos fazer do mesmo modo e seguir o seu exemplo. Que tudo seja “*ao Senhor*”.

Brian Guning.

COUNSEL de Sept/Oct de 2005.

Trad. J. Crawford.

E A IGREJA CRESCIA... MUITO (ATOS 1.14; 2-42, 47)

Creio que a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo não está crescendo em nossos dias com a mesma amplitude que acontecia no princípio.

Em verdade a Igreja nunca diminui, porque aquele que para ela é ganho, jamais será arrojado do Senhor da Igreja (João 10:28), mas também é verdade que algumas igrejas locais têm decrescido em número de (membros)- irmãos em comunhão, por quê?

Existem muitas razões, vejamos:

- Alguns que faziam parte da comunhão não faziam parte da Igreja e, por isso, saíram (estavam enganados e enganavam) – 1ª João 2:19. Alguns saíram porque foram enganados por meio de filosofias e sutilezas (Cl 2:8).

- Alguns estavam fracos no conhecimento da Verdade levados por ventos doutrinários (Ef 4.14).

- Outros partiram para o Lar do Pai.

- A Fé é fraca, a atitude e a comunhão com Deus não são claras (Rm 10.17).

- A Igreja não se envolve no discipulado e na evangelização, por isso a igreja não tem sido aumentada com novos crentes (Mt 28.19). Esta é uma realidade, em muitos lugares do planeta, que devia ser objeto de reflexão por parte dos anciãos (Presbíteros) que superintendem na Igreja. Na verdade não se trata de um sinal dos tempos somente, mas, acima de tudo, um problema imputável, cuja responsabilidade máxima é daqueles que têm a obrigação de ser “Luz” e “Sal” no mundo; “Embaixadores” e “Testemunhas” de Cristo.

A crise que grassa em muitas igrejas locais tem relação, a meu ver, com a deficiente utilização da comunhão entre o crente e Deus. A Comunhão

com Deus é importante. A Comunhão entre os irmãos é necessária. Esta comunhão é melhorada, estreitada e torna-se íntima através do tipo de oração que temos com o Pai.

Como são as nossas orações pessoais com Deus? São informais? Ou íntimas?

Como são as orações da Igreja, na igreja, com Deus? São informais? Extravagantes? Altivas ou humildes?

A Oração é inquestionavelmente um dos mais poderosos fatores para o crescimento da Igreja. Deus ouve a oração daquele que tem comunhão íntima com ele. Deus responde a oração daquele que pede, segundo a sua vontade. 1ª João 5:14-15. Se não, por quê?

a)-Porque se tem pedido mal, não sabendo bem o que se pede (Tiago 4.3);

b)-Porque a vida daqueles que oram está em pecado oculto (1ª Tm 2:8);

c)-Porque a igreja não sabe falar com Deus!

Vou expor alguns erros que ocorrem em algumas das reuniões de oração que não promovem respostas dignas de Deus:

Muitas vezes numa reunião de oração, canta-se com hinos não apropriados e sem um mínimo de entendimento nas palavras proferidas a Deus.

Muitas vezes um crente começa a “orar” dando graças, louvando e intercedendo por tudo o que lhe vem à lembrança. Faz “como os gentios, os quais pensam que por muito falarem são ouvidos”.

Monopoliza a reunião de oração. Por vezes é tão cansativo que a paciência dos outros crentes acaba por se “desligar” da oração. A comunhão entre todos na oração acabou ao fim de 3 minutos!

Também, muitas vezes outro

crente se levanta e faz o mesmo. Não querendo mostrar-se menos “espiritual” que o anterior, repete alguns assuntos já referidos antes... A sua “espiritualidade” percebe-se na alusão de textos bíblicos na oração. Ele dá “explicações” a Deus e aproveita para informar os crentes sobre alguns assuntos que leva em oração. Por vezes também manda “recados” para alguns que não estão presentes! Ninguém está a orar com ele! A assembleia que deve orar, dizendo “Amém”, fica com sonolência, se muitas vezes não “adormece”. A reunião de oração que tem por objeto apresentar a Deus: graças, louvor, adoração, petição e súplicas, transforma-se num “velório” ou num “tempo perdido”. As orações não saíram da sala... não chegaram até Deus. Deus não tem resposta para dar.

Em contraposição lemos que no princípio da Igreja os crentes “Perseveravam... nas orações louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo... e todos os dias acrescentava o Senhor à igreja...”

Esta realidade de crescimento quantitativo e qualitativo da Igreja era fruto da sua perseverança na doutrina...

e na oração. É importante saber orar. Orar com fé. Orar com sabedoria. Orar com método.

Numa reunião de oração,

o primeiro a orar deve fazê-lo exclusivamente com ação de graças e louvor. Dois minutos são suficientes. Deve recordar-se de que não é ele só que ora, mas a Assembleia está orando com ele. Por isso os crentes presentes acompanham-no com “assim seja”, “Glória a Deus”, “Amém”, etc. Convém que mais ninguém ore com a mesma finalidade. Salvo se houver um motivo muito especial, como foi o caso da prisão de

A comunhão entre todos na oração acabou ao fim de 3 minutos!

de Pedro - Atos 12:5. Todos os outros intervenientes em oração devem dirigir-se ao Senhor, cada um com um outro assunto. O crente é livre para orar em sua casa horas seguidas, mas, na Assembléia, deve respeitar o direito dos seus irmãos de também exporem em tempo útil outros assuntos.

A oração deve ser feita em voz audível, mas sem excessos. Só se deve orar por aquilo que é justo, útil e oportuno, e com a firme convicção de que o Senhor vai responder, ainda que não seja como e quando nós queremos. É um privilégio cada filho de Deus poder orar mais que uma vez na mesma reunião, sempre por outro motivo e sem aborrecer ninguém! Este princípio serve pa-

ra levar o crente a interessar-se mais pela reunião de oração. Quão agradável é escutar de dois em dois minutos outra voz com um motivo diferente! Se o número de participantes é grande, deve introduzir-se um "tempo de canto", com um ou dois coros apropriados, ou a leitura de um trecho da Palavra de Deus, curto e adequado. Cada rosto deve revelar a felicidade de um noivo, e não a cara de quem vai num enterro. Quando assim acontece, a comunhão fraterna é mais nítida, ativa e atrativa. E estou certo de que Deus tem prazer em responder com o crescimento da Igreja local!

Samuel Pereira

Transcrito de "Refrigério" nº 105 -
Jul/Ag.2005

A COMISSÃO E O ESTATUTO MISSIONÁRIO

Um embaixador que vai a um outro país para representar o seu governo, ou um homem de negócios a serviço de sua empresa em outro país, sempre recebem credenciais e ordens detalhadas que devem ser cumpridas estritamente.

Assim é com o missionário. Ele representa a corte do céu, e também tem as suas credenciais e ordens. Estas se encontram na grande comissão de Mateus 28:16, e em passagens paralelas nos outros Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos.

O nosso Senhor mesmo é o grande exemplo.

Nas salas de conselho da eternidade passada Ele foi comissionado e enviado. Na Sua encarnação Ele cumpriu a predição de Salmo 40:7-8: "*Eis aqui venho; no rolo do livro de Mim está escrito. Deleito-Me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua*

lei está dentro do Meu coração". No começo do Seu ministério público, na sinagoga em Nazaré, Ele levantou-se e leu Is 61:1-2: "*O Espírito do Senhor Deus está sobre mim; porque o Senhor me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; ensinou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor*". Ele conclui dizendo: "*Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos*" (Lc 4:21). Aqui Ele está cumprindo a comissão que lhe foi confiada pelo Seu Pai.

A Sua missão na terra foi completada gloriosamente pelo Seu sacrifício vicário na Cruz, e pela Sua ressurreição vitoriosa dentre os mortos. Antes da sua ascensão visível ao trono, à direita de Deus, Ele comissionou os Seus fiéis seguidores para continuar a Sua obra.

O MINISTÉRIO PÓS-RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Os Evangelhos descrevem quase dez aparecimentos de Cristo aos Seus discípulos depois da Sua ressurreição. Estes aparecimentos surgem em duas classes: a um ou mais indivíduos, e às companhias maiores. Daqueles, três foram em Jerusalém e dois na Galiléia. Estes foram às companhias no Cenáculo em dois primeiros dias da semana, e depois a ascensão no Monte das Oliveiras. Na Galiléia, junto ao mar (Jo 21), e depois no topo duma montanha. Um exame dos relatos destes aparecimentos nos Evangelhos e em Atos indicaria três comissões em três localidades e em três tempos diferentes:

a) no Cenáculo, na tarde do dia da ressurreição (Mc 16:14-18; Lc 24:36-49; Jo 20:19-23);

b) num monte na Galiléia (Mt 28:16-20);

c) no Monte das Oliveiras, na ascensão (At 1:6-9);

A comissão central e mais completa se encontra em Mt 28. Vamos considerá-la primeiro.

A COMISSÃO EM Mt 28:16-20

Há três razões pela importância da comissão na Galiléia.

a) É a única que foi arranjada de antemão três vezes: primeiro pelo nosso Senhor mesmo (Mt 26:32; 28:10), depois anunciada pelo anjo no túmulo (Mt 28:7), e depois pela obediência dos discípulos (Mt 28:16).

b) O seu local na Galiléia dos gentios.

c) As instruções detalhadas nela. Alguns ensinam que a comissão

de Mt 28:16 não é para esta dispensação, mas para uma era do reino futuro. Eles gostariam de fazer-nos crer que, quando o Senhor disse aos Seus discípulos: "*Ide*", Ele queria dizer uns outros discípulos dois mil anos mais tarde, e quando Ele adicionou "*até o fim do século*", Ele indicava uma outra era! O fato é que o Evangelho de Mateus não é

somente o evangelho do Rei de Israel, mas de um Rei rejeitado.

A crise do Seu ministério público ocorreu no capítulo 12.

Os líderes de Israel rejeitaram as Suas credenciais e direitos messiânicos. Naquele momento a Sua mensagem e o Seu ministério mudaram. Com tristeza Ele se desviou da nação. No cap. 13 Ele deu, em sete parábolas, um esboço cronológico em sequência do reino do céu. Depois, nos caps. 16 e 18, Ele introduziu o conceito inteiramente novo da Igreja que teve o seu início em Pentecostes. Em 23:28, falando do templo judaico e a sua adoração, Ele clamou: "*Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta*". Verdadeiramente essa seria a razão por que Ele combinou encontrar os discípulos na Galiléia depois da Sua ressurreição. Foi uma ação solene e simbólica.

Mas os discípulos pareciam relutantes em ir. Em vez de obedecer às instruções do Senhor dadas três vezes para encontrá-lo na Galiléia, eles demoraram em Jerusalém. Ali o Senhor em graça condescendeu encontrá-los em dois primeiros dias da semana sucessivos, como João descreve de uma maneira linda. Depois foram à Galiléia, mas em vez de ir imediatamente à

Alguns ensinam que a comissão de Mt 28:16 não é para esta dispensação, mas para uma era do reino futuro.

à montanha como Ele tinha designado, eles permaneceram à beira do lago na vizinhança dos seus antigos lares. Pedro e mais seis até voltaram à sua antiga ocupação de pescar (Jo 21).

Há ligações muito próximas entre as lições que o Senhor ensinou-lhes ali a respeito de pescar e pastorear, e o “ide vós” e “ensinando-os” da Grande Comissão dada no topo da montanha.

A COMISSÃO DA GALILÉIA

O trecho começa com Onipotência em esferas terrestres e celestiais e termina com Onisciência. O nosso Senhor não somente enche todo o espaço com a Sua autoridade, mas todo o tempo com a Sua presença. O Evangelho de Mateus começa com Emanuel — Deus conosco — e termina com a mesma nota: Eu estou conosco — o grande EU SOU. O ensino na comissão gira ao redor de quatro frases *co-terminus*:

a) Toda a autoridade — totalidade de título.

b) Todas as nações — totalidade de território.

c) Todas as coisas ordenadas — totalidade de ensino.

d) Todos os dias — totalidade do tempo.

Cada cláusula na comissão tem uma ênfase distinta.

Toda a autoridade - Senhorio

Fazer discípulos - Discipulado

Ensinando-os - Aprendizagem

Sempre convosco - Companheirismo

Toda Autoridade — Senhorio:

Ele tem toda a autoridade no céu e na terra. Que direito! O que será que o diabo pensa disso? Ele ofereceu os reinos do mundo e a glória deles a Cristo na Sua tentação. Um rei, um presiden-teou um ditador hoje não podem dizer que

têm toda a autoridade. Eles somente têm direito e autoridade numa esfera muito limitada. Nas mãos humanas o poder corrompe, mas nEle há a combinação de perfeita sabedoria, amor e poder. Ele é Rei dos reis e Senhor dos senhores. Cada filho de Adão falha, mas com prazer confessamos a Realeza do nosso Senhor e reconhecemos o Seu Senhorio.

Fazer discípulos — Discipulado:

Em Mc 16:15 a ordem é: “Ide e pregai” (kerusso). Aqui é: “Fazei discípulos” (matheteuo). Os termos são diferentes. O primeiro é fazer crente, o segundo é discipular. Um discípulo é um convertido consagrado, um estudante na escola de Deus. É possível contar e juntar convertidos, mas discípulos têm que ser feitos. Paulo e Barnabé em efeito cumpriram esta comissão. Eles ensinaram e discipularam muitos. (At 14:21). (A palavra matheteuo é somente usada aqui e em Mt 13:52; 27:57; e 28:19).

Batizando-os no Nome — Comunhão:

Note o Nome singular - a Sagrada Trindade. Não no reino, ou na igreja, mas no Nome. Não há uma verdade mais mal interpretada ou distorcida do que essa do batismo do crente. Aqui, depois da morte, sepultamento e ressurreição do Rei, temos a fórmula completa e oficial. Em Atos, batismo muitas vezes é no nome do Senhor, ou do Senhor Jesus — isto é, na Sua autoridade, porque Ele deu a ordem. A esfera é as nações, não Israel. Isso é o batismo de crentes, não o batismo de João nem o batismo judaico. A preposição “no” é significante. Significa muito mais do que “no Nome”. Significa uma relação pessoal com o Deus Triúno. Pelo nascimento natural entramos na família de Adão; pelo novo nascimento somos introduzidos na família de Deus.

No batismo publicamente renunciamos a nossa relação com uma raça Adâmica e decaída, e anunciamos o nosso novo relacionamento com o Segundo Homem, o Último Adão, o Senhor da vida e glória.

Ensinando-lhes... todas as coisas

- *Aprendizagem*: Esse é o terceiro item da responsabilidade do evangelista: primeiro, fazer discípulos; segundo, batizar; terceiro, ensinar o inteiro conselho de Deus aos convertidos. No evangelismo moderno, a parte maior da comissão é grandemente ignorada. "Junte-se com a igreja da sua escolha" muitas vezes é o conselho dado ao novo cristão. Isso pode ter conseqüências trágicas. O trabalho dum evangelista não somente é pregar o evangelho, mas ensinar os cristãos "*todas as coisas*" da doutrina do Novo Testamento.

Estou convosco todos os dias

- *Companheirismo*: Isso inclui segunda-feira triste, sexta-feira escura tanto como o dia do Senhor. O título grande

e majestoso de Jeová é incluído na promessa: "*Eis que ESTOU con-vosco*". Em 14 de janeiro de 1856, David Livingstone, na sua viagem memorável a Luanda, em Angola, cercado por tribos hostis e em perigo da sua vida, escreveu na sua agenda: "Jesus disse: '*É Me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações... e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*'. É a palavra de um Homem gentil da mais sagrada e estrita honra... não atravessarei o rio furtivamente de noite como intencionava. Pareceria como fuga, e será que tal homem como sou deveria fugir? Agora me sinto calmo!"

O Cristo ressurreto e glorificado garantiu a Sua presença aos que obedecem ao Seu mando.

T. Ernest Wilson,

"Missions" — Fevereiro de 2005.

Tradução — J. Crawford.

SENDA VIA E-MAIL:

Aqueles que desejarem receber a Senda do Cristão através de e-mail, em lugar de sua remessa via Correio, poderão solicitar-nos, fornecendo seu e-mail para:

arrazmaz@uol.com.br ou jennycraw@com4.com.br

A SENDA DO CRISTÃO

Publicação trimestral cristã, sem fins lucrativos e mantida por ofertas voluntárias.

FUNDADOR: Kenneth Jones

Sugestões e artigos devem ser encaminhados ao:

EDITOR RESPONSÁVEL: Orlando Arraz Maz

Rua Oswald de Andrade, 59 - Chácara Sergipe

Cep 09894-070 - S. Bernardo do Campo - SP

Ofertas e pedidos devem ser encaminhados ao

TESOUREIRO: James Crawford

Caixa Postal, 19 - CEP 14.600-000 - São Joaquim da Barra - SP ou

Bradesco: Agência 1500-8 - C/C 006478-5 - **Favor enviar cópia do depósito**

A SENDA DO CRISTÃO NA INTERNET <<http://www.irmaos.com/>>.